



O PIBID¹ PEDAGOGIA EM UMA ESCOLA DO CAMPO: O FOCO NA LEITURA E ESCRITA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Autor : Amanda Nascimento Silva de Oliveira²; Co- autor: : Maria Joselma do Nascimento Franco³

Escola Municipal Maria Anunciada Rodrigues, amanda_nascimento_22@hotmail.com; Universidade Federal de Pernambuco-Centro Acadêmico do Agreste, mariajoselmadonascimento franco@gmail.com

Resumo : Tomando como objeto o repertório de leitura e escrita das crianças do campo e a experimentação dos processos de ensino, revelados na condição de aprendizagem. O estudo é fruto da experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Pedagogia – CAA-UFPE em 2015. Objetivando apresentar à experiência dos iniciantes a docência, com crianças de baixo repertório de leitura e escrita e a experimentação dos processos de ensino, revelados em aprendizagem, ressignificada. Referenciadas em Silva (2010) para tratar da formação de professores/as; Teberosky e Colomer (2003), Ferreira (1999) e Koch e Elias (2012), para discutir leitura, escrita e suas significações; além de Ribeiro (2012), Molina e Sá (2012) para tratar da educação rural, do campo e da escola. Metodologicamente trabalhamos a abordagem colaborativa. A intervenção se desenvolveu com estratégias diversificadas, focadas no lúdico e balizadas pelas necessidades das crianças. Os sujeitos são vinte crianças do 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental e dez professores/as iniciantes. As sessões semanais com as crianças e professores/as foram de três horas cada e envolveram regras de convivência, a vivência de dinâmicas para tratar as relações, atividades de intervenção com foco nas potencialidades dos sujeitos. Os resultados mostram avanços no repertório de leitura e escrita. As crianças e os/as professores/as, ao passarem pela experimentação de processos de ensino, que ressignificados, se revelaram em aprendizagens, se tornaram protagonistas. E os/as professores/as iniciantes se reconheceram como profissionais que, diante do desafio posto, conseguiram coletivamente experimentar possibilidades de intervenção com resultados bem sucedidos.

Palavras-chave: PIBID, Leitura, Escrita, Formação.

Introdução

Aproximar os saberes apreendidos na formação inicial ao contexto real é um exercício fundamental na construção da profissionalização docente. Até então, o estágio é parte fundamental para estreitar essa relação teoria/ prática e escola/Universidade. Todavia, identifica-se ainda limitações nesta relação formação universitária inicial e estágio, considerando o curto tempo que

¹ Programa Institucional de Bolsa a Iniciação à Docência, financiado pela CAPES.

² UFPE, CAA. Pedagoga, Professora na Escola Municipal Maria Anunciada Rodrigues, Caruaru-PE. Supervisora do PIBID 2015, 2016 pela UFPE-CAA

³ Professora/pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE - Campus Acadêmico do Agreste – CAA; Vice-líder do Grupo de Pesquisa, Ensino, Aprendizagem e Processos Educativos - GPENANPE; Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Desenvolvimento Profissional Docente - Coordenado pela pesquisadora Marli André na PUC-SP. Vice-coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Formação em Educação do Campo - NUPEFEC; Coordenadora do Grupo de Estudo em Educação do Campo–GEECampo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea –PPGEduC– CAA - UFPE



temos para a apropriação da complexidade da sala de aula e suas nuances, além da identificação dos desafios que emergem no contexto e a necessidade de problematizá-los para que numa perspectiva coletiva possamos construir proposições que contribua com a intervenção para minimização dos desafios contextuais.

Com a constituição do PIBID (Programa Institucional de Bolsa a Iniciação à Docência), identifica-se que este movimento entre formação inicial de professores e sua articulação com a escola, como *locus* formativo, que articula teoria e prática ganha novos contornos na formação.

A troca de saberes, a identificação dos desafios, a constituição de proposições e a experimentação, pautada na leitura e escrita, articulada a reflexão e aos processos de ensino, que se revelaram em aprendizagens significativas, foram algumas das experiências evidenciadas no desenvolvimento do Pibid, em uma escola do campo, que propiciou aos sujeitos educativos, aprendizagens, tanto para as crianças participantes, quanto para os professores em formação inicial

Nessa perspectiva, sabendo das dificuldades enfrentadas nos processos de alfabetização e letramentos nos anos iniciais do ensino fundamental, possibilitou aos iniciantes à docência em 2015, atuar na escola do campo, com crianças que apresentaram baixo repertório em leitura e escrita, de maneira a contribuir com a formação das mesmas, assim como a dos/as professores/as em formação inicial com atuação em sala de aula.

Reflexões em torno do Programa PIBID-Pedagogia enquanto formação inicial

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), subprojeto Pedagogia, do Centro Acadêmico do Agreste – CAA-UFPE tem experimentado metodologias de intervenção, possibilitando aos professores iniciantes (pibidianos) identificar desafios, problematizá-los e, pelo exercício da reflexividade coletiva e do planejamento de ações conjunta, constituir intervenções que ajudem a superar os desafios postos.

Na perspectiva acima posta, os/as pibidianos/as trabalharam com crianças em uma escola do campo, que para a instituição, apresentavam baixo repertório de leitura e escrita, de modo a focar na evolução destes processos, por meio de diferentes estratégias de ensino, resignificando-os a partir de atividades pautadas na alfabetização e letramento, rumo a formação do sujeito leitor.

Nessa direção, o presente Programa possibilitou aos/as pibidianos/as em formação inicial, articulação entre os saberes da realidade social, os escolares e os científicos. Diante do exposto, compreende-se que a inserção dos professores em formação, possibilita a construção de saberes,



reflexões de práticas e a tomada de consciência, do real comprometimento com sua formação profissional e a formação de outros. Nesta perspectiva,

O desafio do trabalho docente é não favorecer as aprendizagens individuais, mas sobretudo, coletivas. Desenvolver formas de ensinar e de aprender que integrem os sujeitos, constituindo uma rede de aprendizagens e ensinagens, torna-se um imperativo pedagógico. (SILVA, 2010, p.39)

Assim, aprender a lidar com os desafios que emergem no cotidiano e a tratá-los a partir da coletividade na escola, gera aprendizagens integrativas, uma condição fundamental na aprendizagem do ofício professoral, inclusive no que diz respeito à função que tem a escola na vida das crianças, que é possibilitar processos de aprendizagem, sobretudo no que se refere à ampliação do conhecimento sistematizado.

Logo, foi na perspectiva de trabalhar os processos de alfabetização e letramento, com as crianças da escola do campo, que apresentavam baixo repertório de leitura e escrita, que o PIBID 2015, a partir dos/as professores/as (pibidianos/as) em formação, se consolidou, trabalhando sistematicamente com as crianças do 3º, 4º e 5º anos de uma escola do campo em Caruaru, o que gerou ampliação de conhecimentos para os sujeitos envolvidos, professores em formação e crianças.

Nossa opção por trabalhar com as crianças do campo deve-se ao fato de compreendermos que, estas são sujeitos de direito, que nem sempre têm suas necessidades atendidas, sobretudo quando se trata de qualificar o repertório de conhecimento, tendo em vista a concepção predominantemente alimentada para esta população que é de “oferecer conhecimentos elementares de leitura, escrita e operações matemáticas simples, mesmo a escola rural multisseriada não tem cumprido esta função, o que explicita as altas taxas de analfabetismo e os baixos índices de escolarização nas áreas rurais” (RIBIEIRO, p.293, 2012).

É por contrariarmos esta concepção e optarmos pela defesa da educação do campo, que nos desafiamos, pautando as ações de intervenção, no fundamento de que nas escolas do campo “(...) trabalho pedagógico deve ser a materialidade da vida real dos educandos, a partir da qual se abre a possibilidade de ressignificar o conhecimento científico, que já é, em si mesmo, produto de um trabalho realizado por centenas de homens e mulheres(...) (MOLINA, SÁ, p. 329, 2012). O que nos desafia a constituir com as crianças e os/as pibidianos/as estas ressignificações, no movimento de articulação da vida no campo com o conhecimento sistematizado.



A leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental na escola do campo.

As discussões em torno do que de fato significa formar leitores nas escolas, e se a mesma, tem conseguido viabilizar experiências significativas no contexto escolar, tem desafiado os/as professores/as e formadores/as de professores/as. Como sabemos,

(...) a leitura é uma atividade necessária não só ao projeto educacional do indivíduo, mas também ao projeto existencial, e que, além de ser um ato que se realiza no âmbito da cognição, apresenta caráter social, histórico e político. (MAIA, 2007, p.29)

É comum encontrarmos nos anos iniciais do ensino fundamental, crianças que apresentam um repertório de leitura e escrita, aquém do esperado. Esta condição, provoca nos mesmos um quadro de desestabilidade emocional que degrada sua condição humana, em relação aos que dominam o referido repertório, o que nos desafia, não apenas pelo compromisso educacional que temos, mas sobretudo pela condição humana, política e social das crianças, assim como dos/as professores/as em formação.

Para tanto, compartilhamos da compreensão de que “**A leitura** é, pois, uma **atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos** [...] na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor (KOCH, ELIAS, 2012, p. 11 grifo dos autores), o que exige do/a professor/a ao trabalhá-la com as crianças, situar, contextualizar os instrumentos utilizados, assim como mobilizá-las na condição de sujeitos/leitores ativos que dialoguem com o autor criticando-o, contradizendo-o, desfrutando ou rechaçando, de forma a dar sentido e significado ao que lê. (SOLE, 2003).

Concebemos ainda que “Ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos, mas até fonéticos” (CAGLIARI, 2009, p.130).

Nesta direção, entram as estratégias de exploração das capacidades cognitivas, além das intervenções necessárias, o que exige o aprofundamento desses saberes por parte do/a pibidiano/a, pautados em um ensino que se revele em aprendizagem, com sentidos, o que exige uma concepção de leitura pautada numa perspectiva “(...) **interacional (dialógica) da língua**, os sujeitos são vistos como **atores/construtores** sociais, **sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto** (...) (KOCH, ELIAS, 2012, p. 10 grifo dos autores). Esta perspectiva, constitui um outro movimento no trato da leitura articulada a escrita de forma a ressignificá-las.

Do ponto de vista pedagógico, as primeiras formas de apreciação de símbolos e de significados, parte inicialmente das hipóteses apresentadas nos desenhos, rabiscos das crianças.



Porém, para compreendê-los, FERREIRO (1999) apud TEBEROSKY e COLOMER (2003), classifica esses primeiros escritos em:

Pré – silábico: seria aquela criança que não diferencia a relação entre a escrita e os sons da fala;
Silábico Inicial: a criança começa a perceber que a palavra pode corresponder a quantidades de partes que se reconhece na emissão oral ;
Hipótese silábica: a criança representa uma sílaba por letra, sem emitir sílabas e sem repetir letras;
Silábico Alfabético: a criança começa a perceber que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade, ou seja, não basta uma letra por sílaba;
Período Alfabético: a criança escreve com base na relação existente entre fonemas e letras (p. 24-25)

O domínio da classificação acima exposta pelo/a pibidiano/a, é fundamental no trabalho com os processos de leitura e escrita, considerando que é a partir dela que os/as mesmos/as lêem suas produções e constroem atividades de intervenção didática, para alavancar a ampliação do repertório de leitura e escrita das crianças.

A escrita na perspectiva acima tratada, mediada pela intervenção competente do/a pibidiano/a, marcada por uma condução ativa das crianças, enquanto sujeitos, protagonistas e autores de suas próprias produções.

Metodologia

A metodologia adotada se pautou na abordagem colaborativa. A população participante é de 20 crianças, sendo 12 do 3º ano, 4 do 4º ano e 4 do 5º ano do ensino fundamental, além dos 10 pibidianos/as, cada um atendendo 2 crianças em cada sessão, com 2 sessões por semana de 3 horas cada, no período do contraturno de março a novembro de 2015.

Inicialmente foi realizada uma avaliação diagnóstica. Nela, as crianças escreveram seu nome inicial, identificaram o número de letras correspondentes ao seu nome; reconheceram letra inicial do mesmo; pintaram as vogais do seu nome e escreveram o alfabeto, conforme exigência do descritor 1⁴ para a alfabetização, que é de reconhecer letras.

Na segunda parte da avaliação, as crianças fizeram a leitura de imagens e escreveram o nome delas e foi analisado se os mesmos conseguiam atingir o descritor 2: reconhecer sílabas. Em seguida, foi realizado um ditado de palavras, em que foi observado o cumprimento do descritor 3: estabelecer relação entre unidades sonoras e suas representações gráficas. O objetivo desta avaliação foi identificar em que condições se encontravam as habilidades previstas para o ano de

⁴ Matriz de Referência para Avaliação da Alfabetização e do Letramento Inicial –Provinha Brasil



escolarização de cada criança, e a partir delas, constituir o plano de intervenção, rumo à ampliação das aprendizagens.

A partir da análise dos instrumentos, levantamos o perfil de aprendizagem das crianças e passamos a planejar o plano de intervenção. O perfil foi elaborado se pautando na Psicogênese da língua escrita, Ferreiro (1986). A apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), é classificada por MORAIS (2012), em: pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética, e foi tomada como referência para o desenvolvimento dos trabalhos.

Munidas do perfil de aprendizagem das crianças, passamos a planejar as sessões que foram desenvolvidas pelos/as pibidianos/as com as crianças, atendendo suas necessidades para que atingissem não apenas o repertório de conhecimento esperado nos anos de escolarização em que se encontravam, mas também ressignificassem o sentido de aprender, do estar juntos/as, além da qualidade das relações estabelecidas entre elas e os/as pibidianos/as.

Para planejar as sessões, tomamos por base, o desenvolvimento de uma dinâmica no início de cada sessão, para trabalhar as relações entre as crianças, e elas com os/as pibidianos/as. Em seguida, o trato de um gênero textual, e a partir deles, os descritores/expectativas de aprendizagem. Estes são aqui tratados como: D1: reconhecer letras, D4: Ler palavras, D5: Ler frases, D6: Localizar informação explícita em textos, D7: Reconhecer assunto de um texto, D8: Identificar a finalidade do texto, D10: Inferir informação.

Ainda no que se refere ao desenvolvimento das atividades propostas no subprojeto Pedagogia semanalmente foi escolhido um gênero textual e desde então, explorados os aspectos fonológicos, sonoros, e de representação gráfica. Cada pibidiano/a elaborou as atividades conforme as necessidades das crianças que atendiam. Para enriquecer as aprendizagens, foram confeccionados materiais pedagógicos como jogo dos padrões silábicos, xilogravura, cordéis, poemas, jornal e também utilizados os existentes na própria escola. Os materiais construídos e trabalhados, no final de cada sessão, foram recolhidos para acompanhamento e avaliação dos possíveis avanços e/ou intervenções durante a vigência do subprojeto.

Ao final de 2015 realizou-se uma nova avaliação diagnóstica. Em uma das questões apresentadas, além de contextualizar o que se tratava na questão, as crianças teriam de assinalar a alternativa que correspondia ao número de sílabas da palavra “CENOURA”. Essa atividade continha o que se pretendia no descritor 2 - reconhecer sílabas. Já em outra, havia um texto



instrutivo, o qual se referia ao descritor 8 , que propunha identificar a finalidade do texto. Outros gêneros foram tratados e por fim, as crianças escreveram sobre sua participação no PIBID.

Essas informações coletadas, juntamente com as produções semanais e os depoimentos dos sujeitos registrados no diário de campo, possibilitou a constituição do *corpus* para a pesquisa.

Resultados

Tomando como objeto de estudo, o repertório de leitura e escrita das crianças do campo dos 3º, 4º e 5º anos e a experimentação dos processos de ensino, revelados na condição de aprendizagem, a partir do baixo repertório de conhecimento das habilidades leitoras e escritoras das crianças. O presente estudo se propôs a apresentar a experiência desenvolvida com os iniciantes docentes no contexto da escola do campo, que se desafiaram numa perspectiva de experimentação da docência, a alavancar o desenvolvimento do repertório de leitura e escrita das crianças.

Inicialmente, as crianças que ingressaram no subprojeto Pedagogia Pibid – na escola do campo, com um repertório aquém do ano de escolaridade que cursavam, se desafiaram juntamente com os/as pibidianos/as no desenvolvimento de atividades que apontaram para o perfil de aprendizagem em que se encontravam.

A partir do perfil constituído, o desafio dos/as pibidianos/as foi planejar as sessões de trabalho, de forma a ressignificar as atividades desenvolvidas, em dupla e acompanhadas por um/a pibidiano/a. Cada sessão era precedida de atividades coletivas como o desenvolvimento de uma dinâmica inicial, objetivando trabalhar as relações. Investiu-se também na constituição das regras de convivência, assim como a cada semana, no trato de um gênero textual. Após as atividades coletivas, cada pibidiano/a trabalhou com uma dupla de crianças. Cada dupla é atendida a partir de suas necessidades, com base no perfil de aprendizagem elaborado.

O desenvolvimento das sessões durante o ano de 2015, qualitativamente, apontou para um avanço notório no conjunto das 20 crianças. Em relação especificamente as do 3º ano, que ainda se encontravam na fase inicial do (SEA), chegaram ao final do ano escrevendo palavras, escrevendo seu nome, constituindo interpretações e produzindo textos.

Aos que estavam na fase silábica alfabética e Alfabética, estes apresentaram um salto qualitativo em suas produções e concluíram os trabalhos recitando pequenos poemas e elaborando bilhetes para os seus/as professores/as.



A condição de avanço no repertório de leitura, escrita e a ressignificação destes processos, é validado, quando na conclusão do Programa na comunidade, foi organizada uma exposição, com a presença da comunidade escolar e dos/as pais/mães das crianças, e elas foram as protagonistas da exposição, apresentando as produções, fazendo a leitura das atividades, mostrando para o público o que conseguiram produzir. Em suas exposições identificávamos o quanto estavam imbuídos do prazer de fazer aquela exposição, validando sua evolução frente aos processos de leitura e escrita ressignificados, tornando a exposição o ápice do subprojeto PIBID – Pedagogia, o que gerou nos participantes pibidianos/as a consciência do dever cumprido, além do desejo de permanência no Programa.

Referências

SILVA, J. F. Avaliação na perspectiva formativa: pressupostos teóricos e práticos. Porto Alegre: Mediação, 2010.

RIBEIRO, M. Escola Rural. In: CALDAT, R. S. et al. Dicionário de Educação do Campo. Rio de Janeiro, SP: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012

MOLINA, M.; SÁ, L. M. Escola do Campo. In: R. C. CALDAT et al. Dicionário de Educação do Campo. Rio de Janeiro, SP: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MAIA, Joseane. Literatura na formação de leitores e professores. São Paulo: Paulinas, 2007.

KOCH, I. V; ELIAS, V. M. Leitura, texto e sentido. In: KOCH, I. V; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto. 3 ed, São Paulo: Contexto, 2012.

SOLÉ, I. Ler, leitura, compreensão: “sempre falamos da mesma coisa?” In: TEBEROSKY, A. et al. Compreensão de leitura: a língua como procedimento. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e lingüística. São Paulo: Scipione, 2009.

TEBEROSKY, A. COLOMER, T. Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERREIRO, E. TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes médicas, 1986.

MORAIS, Arthur Gomes. Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

WWW.inep.gov.br/web/provinhabrasil Acesso em 08/08/2016 às 15:50 h



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O